

REFLEXÕES SOBRE A QUESTÃO DA PERSONIFICAÇÃO NA TEORIA DA CONTRA-SEXUALIDADE DE JUNG E A ANDROGINIA PSÍQUICA NA CONTEMPORANEIDADE[✓]

7

Roberto Novaes DE SÁ¹
Tatiana DEOLA²

[✓] Artigo recebido em 22/04/2019 e aprovado em 10/05/2019.

¹ Pós-doutor pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia na área de concentração Estudos da Subjetividade. E-mail: <roberto_novaes@terra.com.br>.

² Especialista em Psicologia Analítica (UVA). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia na área de concentração Estudos da Subjetividade na Universidade Federal Fluminense (UFF). Aluna da Universidade Federal Fluminense no Programa de Pós-Graduação em Psicologia na área de concentração Estudos da Subjetividade. E-mail: <tatianadeola@gmail.com>.

REFLEXÕES SOBRE A QUESTÃO DA PERSONIFICAÇÃO NA TEORIA DA CONTRA-SEXUALIDADE DE JUNG E A ANDROGINIA PSÍQUICA NA CONTEMPORANEIDADE**RESUMO**

Este artigo trata da personificação de anima como subpersonalidade feminina no homem e animus como subpersonalidade masculina na mulher em leituras da teoria da contra-sexualidade de Jung que evidenciam a tendenciosidade da época em que foi desenvolvida. Pretende com isto, iniciar algumas reflexões que se mostram necessárias diante do fenômeno da “androginização” na contemporaneidade, sendo este observado pela perspectiva da sociologia do cotidiano de Michel Maffesoli. A androginia psíquica é aqui compreendida como uma forma de transgressão das fronteiras entre feminino e masculino, pode traduzir um ideal mitológico e, suas manifestações podem ser observadas como evidências de uma concepção cíclica do mundo.

Palavras-chave: Androginia. Contra-sexualidade. Personificação. Contemporaneidade.

1 INTRODUÇÃO

Talvez os sexos sejam mais aparentados do que se pensa e a grande renovação do mundo talvez resida nisto: o homem e a mulher, libertados de todos os sentimentos falsos, de todos os empecilhos, virão a procurar-se não mais como contrastes, mas sim como irmãos e vizinhos; a juntar-se como homens para carregarem juntos, com simples e paciente gravidade, a sexualidade difícil que lhes foi imposta.

Rainer Maria Rilke

Na perspectiva clássica da psicologia analítica as questões ligadas ao feminino e ao masculino estão em grande parte relacionadas à teoria da contra-sexualidade na qual Jung, segundo Young-Eisendrath (2002, p. 217), reflete “a tendenciosidade de sua época cultural”, final do século XIX e primeira metade do século XX, colocando a feminilidade associada a relações e subjetivismo e a masculinidade associada ao racional, à autonomia e a objetividade. Na referida

REFLECTIONS ON THE QUESTION OF PERSONIFICATION IN JUNG'S COUNTER-SEXUALITY THEORY AND PSYCHOCOLOGICAL ANDROGYNY IN THE CONTEMPORANEITY**ABSTRACT**

This article addresses anima personification as a feminine sub-personality of the man and animus as a masculine sub-personality of the woman in Jung's Counter-Sexuality Theory that evinces the bias of the time in which it was developed. It intends to initiate some necessary reflections on the phenomenon of “androginization” in contemporaneity, being this observed from the perspective of quotidian sociology of Michel Maffesoli. The psychological androgyne is hereinto understood as a way of transgressing the border of masculine and feminine and it may translate a mythological ideal and its manifestations may be observed as evidences of a cyclic conception of the world.

Keywords: Androgyne. Counter-Sexuality. Personification. Contemporaneity.

teoria, os conceitos de anima, de animus e da sizígia são fundamentais, portanto, considerando o que Young-Eisendrath diz sobre ela, observamos a necessidade de contextualizar alguns aspectos destes conceitos, especificamente aqueles que se referem à questão da personificação literal contida na ideia de contra-sexualidade, os quais podem enrijecer nossa compreensão dos fenômenos que orbitam em torno da sexualidade e, desta forma, não atender a um olhar plural, necessário na contemporaneidade.

Observada pela perspectiva do dinamismo psíquico, tal personificação literal se apresenta na representação direta de animus como masculino e anima como feminina, ou seja, ligada a uma categoria de gênero. Também pode ser ligada a uma categoria de sexo na medida em que o animus seria a personalidade inconsciente da mulher e a anima a personalidade inconsciente do homem e, a princípio, só podendo ser observadas por meio de projeções no sexo oposto ou em aspectos do mundo.

Os aspectos contemporâneos que nos levaram a tratar da temática relacionada à teoria da contra-sexualidade de Jung estão especialmente relacionados ao que Maffesoli (2012b, p. 47) chama de mudança de paradigma em curso, a qual coloca a questão da androginia em foco no debate.

Na sua visão sociológica da contemporaneidade, Maffesoli (Ibid) observa o retorno de alguns fundamentos do paganismo que o monoteísmo semítico esteve esvaziando nos últimos séculos. Esta observação denota sua concepção cíclica do mundo, como a evidenciada nas palavras de Heidegger: “o que há de mais antigo entre as coisas antigas nos segue [...] e, no entanto, vem ao nosso encontro” (HEIDEGGER, 1966 apud MAFFESOLI, 2012, p.11). Maffesoli, neste sentido, aponta ainda para uma capacidade atual de integração do que ele chama de “aportes da sedimentação tradicional”. Estes aportes se referem, aos aspectos sob os quais o paganismo se fundamenta como “a valorização da *proxemy*³, a importância da vida cotidiana, o culto ao corpo, o sentimento de pertencimento

³ “Há momentos em que o indivíduo significa menos do que a comunidade na qual ele se inscreve. Da mesma forma, importa menos a grande história factual do que as histórias vividas no dia-a-dia, as situações imperceptíveis que, justamente, constituem a trama comunitária. Estes são os dois aspectos que me parecem caracterizar o significado do termo “proxemia”. (MAFFESOLI, 1987, p.169)

tribal (comunitário), a volta do emocional” que marcam uma mudança de paradigma incluindo uma “androginização galopante” como evidência.

Esta “androginização” (Op. cit) se expressa na contemporaneidade, segundo Maffesoli (2012b, p. 73), por meio da pessoa plural ou pessoa andrógina, descrita como aquela que vive “várias vidas em uma só”, que tem um “patchwork” de opiniões e pode ter mudanças constantes de profissão. Também observamos a pessoa plural nos diferentes formatos de família, na moda cada vez mais unissex, nos ícones da música pop com David Bowie, na crescente indústria cosmética masculina, nos questionamentos a respeito de sexo e gênero, nos corpos indefinidos ou plurais e etc.

Poderíamos conjecturar sobre a ambiguidade sexual perceptível na bissexualidade, no desenvolvimento da mudança de sexos, a multiplicação dos lugares ad hoc, o reconhecimento das sexualidades alternativas. Tudo isso é sintomático da mudança cultural em curso [...]. (MAFFESOLI, 2012, p.47)

2 ANDROGINIA, CONTRA-SEXUALIDADE E PERSONIFICAÇÃO

A princípio, sempre que se fala em androginia às questões que circunscrevem o diálogo ficam em torno da sexualidade e, em especial das polaridades: feminino e masculino. Embora já se tenha dito muito a seu respeito na literatura do século XIX, como afirma Faury (1995, p.168), a androginia continua a ser vista no mínimo como um fator intrigante, muito provavelmente por conta da ambiguidade sexual presente na sua imagem, que contem o masculino e o feminino e, portanto, relativiza as identidades de homem e mulher.

Para Faury (Ibid) a androginia psíquica, além de transgredir as fronteiras entre masculino e feminino, também traduz um ideal mitológico que pode ser pensando como um movimento em espiral, ou seja, “o retorno das coisas antigas em outro nível”. (MAFFESOLI, 2012a). É importante esclarecer, que no caso de Jung, trata-se muito mais de um resgate intencional dessa dimensão mítica. Não apenas por motivos funcionais de ordem social ou psicológica, mas pelo próprio sentido e valor existenciais desse âmbito de experiência que as tradições mítico-religiosas preservam. Neste sentido, não podemos negligenciar aspectos que se referem ao ideal mitológico como uma busca humana pela totalidade perdida, na qual a figura

do andrógino ganha contornos de nostalgia e configura mais um motivo para certa constância no interesse por ela. Conforme Eliade (1991, p.111), a bissexualidade universal está relacionada à bissexualidade divina⁴, sendo esta última um modelo de toda existência. Desta forma, o ser humano deve ser total ou deve comportar a *coincidentia oppositorum* (união de opostos) em todas as esferas da vida. O autor (Ibid, p. 127-128) diz que foi justamente o desejo de recuperar a sua totalidade, impulsionado pela insatisfação da sua condição humana, por sentir-se dilacerado e separado de “alguma coisa poderosa” ou de uma “misteriosa unidade”, que fez o homem conceber os opostos como elementos complementares de uma única realidade. A necessidade de transcender os contrários teria desencadeado a articulação de “especulações teológicas e filosóficas” até que os conceitos de um, unidade e totalidade se tornassem por excelência conceitos filosóficos. Assim, antes de se tornarem conceitos, fundaram nostalgias reveladas nos mitos, crenças, ritos e técnicas místicas que traduzem o esforço humano para acessar a anulação dos contrários.

Quanto mais experimentamos a história das ideias e empreendimentos humanos como história arquetípica do ser, de uma origem mais longínqua, parecemos provir um apelo que nos fascina e, ao mesmo tempo, mais profundamente o vivemos no modo de presença histórica a que estamos submetidos.

Neste sentido diz Jung:

Na medida em que a cultura se desenvolve, o ser originário bissexual torna-se símbolo da unidade da personalidade [...] [na qual] o conflito entre opostos se apazigua. Neste caminho, o ser originário torna-se a meta distante de auto realização do ser humano, sendo que desde o início já fora uma projeção da totalidade inconsciente. (JUNG, 2012, OC. 9/1, p.177)

Contudo, a *coincidentia oppositorum* é essencialmente paradoxal e, a anulação dos contrários pode significar a anulação da vida no sentido da perda de potencialidade de criação que se encontra na tensão entre os contrários. Portanto, a unidade, como uma aproximação da bissexualidade dividida, ou, como consequência extrema da união de opostos na personalidade consciente é “algo semelhante a morte”, uma “dissolução do eu no inconsciente” (JUNG, 2012, OC 16/2, §501). Por

⁴ Bissexualidade de Deus, por exemplo, presente em leituras recentes do mito Judeu-Cristão e na maior parte dos deuses dos mitos cosmogônicos.

isso, diz Eliade (1991, p. 129), esta *conincidentia* desperta sentimentos ambivalentes. Pois, se por um lado a humanidade persegue uma superação de sistemas condicionantes para ter acesso a uma forma de ser total, escapar de uma situação em particular, por outro lado é paralisado pelo medo de perder a sua identidade e perder-se de si mesmo. De qualquer forma, o contínuo surgimento de imagens relacionadas à androginia no imaginário individual e coletivo é “prova de que o mistério da totalidade faz parte integrante do drama humano”.

Faury cita as três principais formas de representação da androginia no imaginário contemporâneo, no que se referente às polaridades feminino e masculino: “[...] o andrógino é ‘macho ou fêmea’; ele é ‘ao mesmo tempo macho e fêmea’, ou ainda ele ‘não é nem macho e nem fêmea’.” (LORENZI-CIOLDI, 1994, p. 5 apud FAURY, 1995, p. 168)

Na primeira forma “macho ou fêmea” (Op cit) o masculino e o feminino coexistem com certo equilíbrio, mas observamos as polaridades totalmente separadas, a imagem que se apresenta é de uma balança na qual os pesos das polaridades podem estar ora equilibrados, ora em desequilíbrio, é evidente a dualidade. Na forma “ao mesmo tempo macho e fêmea” (Op. cit) não há fronteiras, desta forma, o andrógino assume uma imagem híbrida, é um novo ser no qual as polaridades estão misturadas. Na forma “não é nem macho e nem fêmea” (Op. cit) há uma total desvinculação dos grupos de sexo e gênero. É nesta forma que as fronteiras entre masculino e feminino são de fato transgredidas, e no que tange as questões referentes à sexualidade, é aqui que encontramos a imagem da pessoa com múltiplas identificações, a pessoa plural que pode desempenhar papéis nas tribos de sua afeição. É nesta perspectiva que a androginia está sendo compreendida neste trabalho.

Samuels (1992, p. 131-133), um autor pós-junguiano, ao tratar do debate sobre sexo discutindo o uso metafórico dos termos feminino e masculino na teoria da contra-sexualidade, conclui que estes opostos são o diferente, o outro e não formas personificadas, sendo estas últimas formas definidas por estereótipos com marcas de uma época e de um lugar sobre o que é o masculino, o feminino, o homem e a mulher. Assim, por exemplo, a heterossexualidade é retirada do seu lugar de inata ou determinada, como a colocavam respectivamente Freud e Jung:

A percepção de Freud falava de uma bissexualidade inata sucedida mais tarde por uma heterossexualidade. A visão de Jung era a de que o homem e a mulher seriam incompletos um sem o outro; a heterossexualidade seria, dessa forma, uma determinação. (SAMUELS, Ibd, p.133)

Sendo feminino e masculino, homem e mulher compreendidos de forma não personificada, mas apenas como diferentes, a noção de bissexualidade universal pode passar de algo indiferenciado, polimórfico ou polivalente para uma noção da humanidade que tem acesso a todas as possibilidades relacionadas a papéis de sexo ou gênero. O autor escreve que este olhar seria uma forma de não recorrer a “ilusão da androginia”. Porém, se a entendermos justamente como uma possibilidade de vivencia dos opostos em unicidade⁵ e não unidade pode-se dizer que ela deixa de ser ilusória e pode ser vista como uma “meta distante de auto-realização”, como diz Jung (Op. cit). Uma meta que coloca o humano em relação com o outro, o diferente e, desta forma, em uma perspectiva sociológica da contemporaneidade, nas tribos de sua afeição, pode se compreender e é compreendido como um ser relacional só existindo “por e graças a outra pessoa”, sendo relativizado “no seio do próprio eu pelo outro que sou eu mesmo”, segundo Maffesoli (2014, p. 52 e p.148).

Diferente da visão de Samuels sobre o feminino e o masculino, na teoria da contra-sexualidade Jung, na maior parte dos textos, escreve sobre as manifestações de anima e animus de forma personificada. Isso fica claro, por exemplo, quando ele (2012, OC 9/2, § 42) afirma que só se podem conhecer as suas realidades por meio da relação com o sexo oposto, pois, somente nesta relação é que a projeção teria eficácia, ou, ainda ao dizer (2012, OC 13, § 60) que a anima no homem primeiramente consiste de “relacionamentos afetivos de caráter inferior” e o animus na mulher “consiste de julgamentos de nível inferior, ou melhor, opiniões”.

5 Para Maffesoli (2014, p.140) a unidade é uma evacuação da diferença com a redução do outro ao mesmo e a unicidade é a coerência entre formas dispares que mantem a especificidade de cada uma delas. Exemplo: “Pode-se [...] dizer que o protestantismo, paradigma acabado da modernidade, baseia-se na unidade de Deus e do indivíduo, enquanto o catolicismo, mais tradicional, é uma ilustração da unicidade em que Deus, a virgem, os santos, se inscrevem, numa organicidade harmoniosa em que cada um encontra o lugar que lhe cabe” (MAFFESOLI, 2014, p. 141).

Jung (2012, OC 9/2 § 24 e §28) diz que as suas definições não são fruto de dedução, mas de observações empíricas que ele procurou demonstrar tendo como ponto de partida os primeiros receptáculos de fatores determinantes de projeções: para a filha o pai, para o filho a mãe. Sobre as citadas observações empíricas de Jung consideramos importante apenas dizer que a dificuldade que ele identifica na retirada de projeções de pai e mãe se encontra no fato de que elas não estariam nos verdadeiros pais e sim em suas imagos no âmbito da psique dos filhos. Ao entrarmos na observação desta dificuldade chegamos a um dos fatores que entendemos ser esclarecedor para o que Young-Eisendrath (Ibid) chamou de essencialista na teoria da contra-sexualidade. Este fator diz respeito à formação da consciência a partir de imagens anímicas preexistentes, fatores anímicos ou alma⁶, sobre a qual Jung (2012, OC 9/1, §114 e § 117) diz que a única certeza que podemos ter sobre ela é a nossa ignorância a seu respeito e, ainda que se quisermos compreender o significado da alma precisamos incluir o significado do mundo, pois, ela não se revelada somente na esfera pessoal, mas nos fenômenos do mundo de forma geral.

Referimo-nos acima a imago parental que é formada nos estados iniciais de consciência, os quais Jung (2012, OC 9/1, §135) localiza entre o primeiro e o quarto ano de vida quando a consciência é caracterizada por uma descontinuidade, ou seja, tem uma relação parcial com o eu. Com isto, entende-se que neste estágio a vida psíquica se desenvolve de forma relativamente inconsciente, há uma percepção fantasiosa da realidade, “as imagens da fantasia superam a influência dos estímulos sensoriais e organizam estes últimos como uma *imagem anímica preexistente*.” Em um adulto, tal estado também caracteriza uma “apercepção⁷ fantasiosa da realidade.”

⁶ A noção de alma se refere aqui às suas imagens – imagens anímicas, que Jung denominou como uma atitude interior ou forma de o indivíduo se relacionar com seus processos psíquicos internos. Sendo que “o sujeito considerado como ‘objeto interno’ é o inconsciente.” (JUNG, 2012, OC 6, § 756 e § 758)

⁷ Entendemos que Jung está se referindo a apercepção passiva. Apercepção: “É um processo psíquico pelo qual se articula um novo conteúdo com conteúdos semelhantes e já existentes de modo que se o considere, entendido, apreendido ou claro. [...] [Na] apercepção ativa [...] o sujeito apreende conscientemente, por si mesmo e por motivação própria. [...] [A] apercepção passiva [...] [é o] processo pelo qual um novo conteúdo se impõe de fora (pelos sentidos) ou de dentro (a partir do inconsciente) à consciência, forçando, de certa forma, a atenção e a apreensão.” (JUNG, 2012, OC 6, § 763)

As imagens anímicas preexistentes estão diretamente relacionadas à formação dos mitos que surgem do registro de processos físicos de forma fantástica e distorcida na psique e se conservam no inconsciente coletivo que continua as reproduzindo. Desta forma, a relação entre pais e filhos carrega a sedimentação de “experiências ancestrais de toda a humanidade”. (JUNG, 2012, OC 8/2, § 337). Portanto, diz Jung (Ibid, § 125 e § 129) ninguém escapa a condição humana, não é possível estar à margem da humanidade de modo a não ter nenhuma representação coletiva dominante, já que o eu, assim como a consciência são estruturados a partir das citadas imagens.

Compreendendo as imagos parentais como fundamentais na caracterização de anima e animus, ou seja, as personalidades inconscientes como imagens anímicas ou uma atitude interna, é possível compreender seu aspecto positivo como intermediários personificados entre consciência e inconsciente. É positivo neste sentido, pois, como diz Jung (2012, OC 9/2, § 40) após a retirada de projeções, os conteúdos inconscientes são transmitidos para consciência e, desta forma, ela pode ser ampliada pela integração destes.

Lembremos que na opinião de Samuels (Op. cit) estes conteúdos podem ser definidos como o diferente em nós, evitando a personificação. Porém, é importante destacar que para Jung (2012, OC 6, § 759 e OC 9/1, § 142 -143) a anima e o animus, são personificados somente na medida em atuam pelo princípio geral de complementariedade referente a atitudes externas relacionadas a sexo e a gênero - no homem anima é a atitude interna complementar feminina e na mulher o animus é a atitude interna complementar masculina. Apesar disso, os apontamentos de Young-Eisendrath (Op. cit) de que a teoria da contra-sexualidade reflete a tendenciosidade da época em que foi escrita por Jung ganham fundamento na ampla divulgação dos conceitos de anima e animus apenas como personificações. Desta forma, por exemplo, considerando as inúmeras possibilidades de formações familiares hoje, há que se por em questão o nosso olhar sobre as personificações que no espírito da época podem ocorrer por múltiplas identificações e, sendo assim, como ficaria o caso de crianças criadas por dois pais e sem mãe?

Apesar da personificação das imagens parentais, o próprio Jung (2012, OC 9/1, § 142) afirma que em si elas não são constituídas da mesma forma. O par de

opostos configurado por anima e animus tem relação com todos os outros pares que não apresentam diferenciações sexuais e tem múltiplos matizes como na “ioga kundalini, no gnosticismo e na filosófica alquímica, sem mencionar as formas espontâneas da fantasia no material clínico das neuroses e psicoses”. Desta forma, diz o autor, é forçada a sua categorização sexual, pois, sua estrutura é indefinida e só por meio da projeção é que se manifestará. Entendemos, portanto, que estas manifestações podem ocorrer em incontáveis possibilidades.

Segundo Hillman (1985, p.183), outro pós-junguiano, Jung nomeia este par de opostos como sizígia “em seus últimos grandes trabalhos sobre anima”⁸, sendo que a anima aqui é referida somente a imagens anímicas ou alma, sem a ideia de personificação como na contra-sexualidade. A sizígia ou par divino ou par andrógino, segundo Jung (2012, OC 9/1, §120 – 138) é encontrada na mitologia, como por exemplo nos mitos cosmogônicos⁹ e na filosofia chinesa onde o par cosmogônico recebe a denominação de yang (masculino) e yin (feminino). Para o autor estes pares são tão universais quanto é a existência de homens e mulheres, o resultado disto seria uma prisão da imaginação a esse motivo e de maneira tal que é sempre projetada em qualquer tempo e lugar. Tais observações se ligam a defesa de Jung contra acusações de personificação já que evidenciam o seu aspecto mitológico:

Acusaram-me muitas vezes de personificar a anima e o animus de um modo mitológico. Tal censura só teria razão de ser se fosse provado que eu concretizo esses conceitos para fins psicológicos. Quero esclarecer de uma vez por todas que a personificação não é uma invenção minha, sendo inerente aos fenômenos de que se trata. [...] Ninguém dos que me fizeram tal censura hesitou um segundo ao dizer: “Eu sonhei com o senhor X”, uma vez que sabe muito bem ter apenas sonhado com uma representação do senhor X. (JUNG, 2012, OC 13, § 61)

Ao falarmos de sizígia também podemos nos referir a *coniunctio oppositorum*, ou seja, a sizígia como a união dos opostos: feminino e masculino. Portanto, a projeção de uma das partes é uma forma de proteção contra uma identificação com o par. Tal identificação, quando relacionada ao conceito de unidade e não unicidade,

⁸ Conceito de anima é experimental e tem como objetivo único dar nome a um “grupo de fenômenos análogos e afins” (JUNG, 2012, OC 9/1, § 114)

⁹ “Ora, sabemos que os mitos cosmogônicos, no fundo, são símbolos do surgimento da consciencia.” (JUNG, 2012, OC 9/2, § 230)

pode levar a uma espécie de semelhança a Deus, como uma forma de megalomania ou a uma sensação de perda de si mesmo, pois estaria, ao menos momentaneamente, fora do conforto da unilateralidade da consciência.

Tratando da polaridade masculino-feminino na obra de Jung, Whitmont (1969, p. 153) apresenta a opinião de que anima e animus seriam melhor compreendidos utilizando-se somente os termos dos conceitos chineses antigos de Yang e Yin¹⁰, pois nestes, a masculinidade e a feminilidade não devem ser confundidos com características diretas dos sexos correspondentes, eles são princípios gerais ou imagens simbólicas que na sua manifestação concreta se apresenta em tudo, inclusive em homens e mulheres. Conforme o autor, Yang na filosofia chinesa, é o elemento criativo, gerador, de energia iniciadora, impulsiva, agressiva e rebelde, tem como características o calor, o estímulo e a luz, é divisor e fálico, tem poder de penetração, de despedaçar; sua manifestação está na disciplina e na separação e, assim, é individualizador. Yin é um princípio representado pela receptividade, é “dócil, retraído, frio, escuro, concreto, envolvente, continente [...], doador de forma e gerador, iniciador;[...]”; sendo o mundo da formação ele dá luz aos impulsos, os anseios e instintos e a sexualidade; relacionado ao “simbolismo da Terra e da Lua, [...] é negativo indiferenciado e coletivo”, enquanto Yang é positivo. Sendo o termo positivo utilizado para descrever uma energia iniciadora enquanto negativo descreve a energia em sua forma passiva e receptiva. Porém, como enfatiza Whitmont (Ibid, p. 154), estas não são definições e sim descrições da diversidade de suas “representações simbólicas.”

A opinião de Whitmont (Op. cit) nos remete ao livro vermelho de Jung no qual encontramos passagens nas quais as noções de Yang e Yin, de fato, são mais coerentes com o que Jung escreve sobre feminilidade e masculinidade por meio do conceito de sizígia. Neste livro foram publicados os registros de Jung sobre seu auto experimento de confronto com o inconsciente, realizado entre os anos de 1913 e 1930, segundo Hoerni (2009) no prefácio. Para sua apresentação foram

¹⁰ É importante esclarecer que Jung inclui Yang e Yin em sua obra como, por exemplo, no livro Tipos Psicológicos, no qual ele os trata como par de opostos. Porém, nos termos que estamos observando, na teoria da contra-sexualidade os conceitos de anima e animus são preponderantes.

selecionadas frases de Jung indicando que este experimento foi a base de toda a sua obra.

OS ANOS DURANTE OS QUAIS me detive nessas imagens interiores constituíram a época mais importante da minha vida. Neles todas as coisas essenciais se decidiram. Foi então que tudo teve início, e os detalhes posteriores foram apenas complementos e elucidações. Toda minha atividade ulterior consistiu em elaborar o que jorrava do inconsciente naqueles anos e que inicialmente me inundara: era a matéria-prima para a obra de uma vida inteira. (JUNG, 1957 apud HOERNI, 2009)

18

Nos registros apresentados no livro (2009, p. 202) Jung fala sobre o que entendemos estar relacionado às limitações das representações coletivas dominantes, sobre as quais ele diz que é impossível escapar (Op.cit), mas que precisam ser conhecidas, em especial, por meio da retirada de projeções.

Quando não te acontece nenhuma aventura externa, também não acontece nenhuma interna. O pedaço que assumas do demônio, ou seja, a alegria, providencia aventura para ti. Faz falta para ti conhecer teus limites. Se não os conheces, corres dentro das barreiras artificiais de tua imaginação e da expectativa de teus semelhantes. Mas tua vida suporta mal ser contida por barreiras artificiais. [...] Essas barreiras não são teus verdadeiros limites, mas são limitação arbitrária que te impõe uma violência inútil. Procura então encontrar teus verdadeiros limites. Nós não os conhecemos de antemão, mas só os vemos e compreendemos quando nós os alcançamos. Mas isto também só te acontece quando tu tens equilíbrio. [...] Mas só consegues equilíbrio se alimentares teu oposto.

Sobre masculino e feminino no livro vermelho (Ibid, p. 203) Jung diz:

[...] Sabes quanta feminilidade falta ao homem para seu aperfeiçoamento? Sabes quanta masculinidade falta à mulher para seu aperfeiçoamento? Vós procurais o feminino na mulher e o masculino no homem. E assim há sempre apenas homens e mulheres. Mas onde estão as pessoas? [...] a pessoa é masculina e feminina, não é só homem ou só mulher. De tua alma não sabes dizer de que gênero ela é.

Aqui fica clara a distinção que Jung faz entre o sexo - homem e mulher e o gênero – masculino e feminino e que as imagens anímicas não tem gênero definido, mas estas são consideradas coletivas e, portanto, podemos relacioná-las as barreiras artificiais (Op. cit) que impõe limites ao conhecimento de si podendo ser superados pelo equilíbrio que se alcança pela consciência de polaridades opostas

aquelas que são conhecidas pelo eu, que aparecem na citação como homem e mulher: “não é só homem ou só mulher” (Op. cit) Porém, fica claro também que a procura é pela pessoa, desta forma, correlacionando à simbologia de Yang e Yin conforme compreendidas na filosofia chinesa, abre-se um caminho para interpretação das posteriores formulações dos escritos do autor na teoria da contra-sexualidade como atuais, pois, na frase: “E assim há sempre apenas homens e mulheres” (Op. cit), inferimos haver um tom de crítica a vinculação da pessoa a grupos de sexo. Podem ser consideradas formulações atuais por colocar a categoria do sexo em questão e, desta forma, estar em concordância com discussões contemporâneas como as encontradas, por exemplo, em alguns movimentos feministas.

Mas, colocar a categoria de sexo em questão, não significa para Jung (2009, p. 206) ultrapassar a barreira do sexual, pois, como vimos, para ele (Op. cit) a condição humana não foge a humanidade contida nas representações coletivas. Ele ainda diz: “a pessoa é masculina e feminina” (Op. cit) Neste sentido, já observamos acima os perigos de uma identificação com o par andrógino. Sobre esta questão, conforme nossa interpretação de “proposição geral” (et seq) entendida como a imagem do andrógino ou vinculação a grupos de sexo e gênero, no livro vermelho (2009, p. 206), Jung diz:

O mais difícil é estar além do sexual e ficar dentro do humano. Se te elevas acima do sexual, com a ajuda de uma proposição geral, tu mesmo te tornas aquela proposição e ultrapassas o humano. Ficarás portanto seco, duro e inumano. [...] Quando atuas a partir do humano, atuas a partir da respectiva situação, sem princípio geral, só de acordo com a situação. Assim correspondeste à situação, talvez com violação de uma proposição geral [11]. Mas isto não deve molestá-lo demais, pois tu não és a proposição. Existe um outro humano, um demasiado humano¹², e quem entrou neste humano, a este faz bem lembrar-se do benefício da proposição geral. Pois também a proposição geral tem sentido e não foi colocada por brincadeira. Há muito trabalho respeitável do espírito humano nela. Pessoas dessa espécie não estão além da sexualidade devido a um princípio geral, mas devido à sua imaginação na qual se perderam. Tornaram-se sua própria imaginação e arbitrariamente, para seu próprio prejuízo. Faz-

¹¹ Aqui, proposição geral é interpretada como correspondendo à vinculação a grupos de sexo e gênero, enquanto nas outras citações do termo o interpretamos como correspondendo à imagem do andrógino.

¹² Referência ao título da obra de Nietzsche. Não nos deteremos no sentido empregado nesta referência.

lhes falta lembrar-se do sexual a fim de que acordem de seus sonhos
pra realidade.

Observamos no texto citado uma coerência com a perspectiva sobre a qual estamos compreendendo a androginia, pois, nele uma vivência andrógina não exclui a sexualidade, mas coloca o humano diante de possibilidades de vivenciá-la, como diz Jung (Op. cit) “de acordo com a situação”, de forma múltipla, sem perder de vista a proposição geral, a unicidade, mas, distanciando-se da unidade que o torna duro ou uno. Estar além dos papéis de sexo e gênero não significa não ter papéis, mas poder viver com nossos outros e, parafraseando Rilke, citado em nossa epígrafe, procurar-se como pessoas e não como “contrastes” para carregar juntos “a sexualidade difícil que lhes foi imposta”.

Se considerarmos os apontamentos de Maffesoli sobre a androginização presente na contemporaneidade e expostos neste texto, podemos refletir sobre as definições de Jung para anima e animus, que aparecem personificadas na teoria da contra-sexualidade, como algo que necessita de uma releitura e que pode, inclusive, ter como base os seus próprios escritos a julgarmos pela ideia de anima como alma ou seus apontamentos no livro vermelho, conforme exposto acima. Aproximar a questão da androginia psíquica da discussão sobre a contra-sexualidade pressupõe compreendermos anima e animus muito mais pelo viés da oposição ou das diferenças do que pelo viés do conteúdo substantivo de anima e animus. Assim, podemos pensar que a dinâmica da diferenciação diante da atual diversidade sexual, por exemplo, independente das diversas identidades fixas, mas apenas da relação com o outro, o diferente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos do livro vermelho, conforme citamos e os compreendemos, apresentam maior flexibilidade quanto à personificação de anima e animus, o que nos faz crer que estes últimos devem ser considerados como algo que nada tem de absoluto, mas que depende de circunstâncias históricas e pessoais como na experiência de Jung ao escrever o livro em questão. Da mesma forma, revelam-se os perigos representados pelos preconceitos científicos-rationais, que levam a uma

apropriação reduzida das ricas possibilidades de diversidade e complexidade da experiência humana, de modo que não podemos subestimarlos. As dificuldades de Jung para encontrar o caminho mais adequado a um diálogo com as tradições espirituais que não sucumbisse nem ao psicologismo, nem às mitificações ingênuas, são, ainda hoje, e talvez de forma mais aguda, as nossas próprias dificuldades enquanto praticantes da Psicoterapia.

Contudo, em nossas próprias reflexões, observamos a dificuldade de falar a respeito de categorias de sexo e gênero procurando não esbarrar no dimorfismo. Localizamos esta dificuldade com a ajuda de Jung quando ele explicita a impossibilidade de se escapar a humanidade ou as representações coletivas dominantes que nos prendem ao motivo dos pares.

A proposta de Samuels de nomear os pares feminino/masculino, homem/mulher como diferenças minimiza distorções ou confusões como o entendimento de que o homem é essencialmente racional e a mulher essencialmente relacional, por exemplo. Compreendemos que estas confusões são causadas pela personificação literal no entendimento da dinâmica psíquica relacionada ao princípio de complementariedade, ou seja, uma tentativa de objetivar tecnicamente a anima e o animus. Quando se referiu a anima e animus como o “diferente” em nós Samuels utilizou um recurso linguístico que consideramos um bom caminho para debates futuros em torno da teoria da contra-sexualidade. O termo “diferente” pode nos levar a observar o par anima e animus dentro de uma categoria discursiva, como faz Stuart Hall ao tratar das questões de raça, este seria um dos possíveis dispositivos de análise.

Porém, também consideramos que a concepção da anima relacionada às imagens anímicas ou alma constitui uma possibilidade, não para eliminar as personificações que como vimos seria ultrapassar nossa humanidade, mas para ultrapassarmos a linearidade imposta por construções coletivas, pois, nesta concepção a questão do dimorfismo não está necessariamente presente.

Como vimos, o processo de mudança em curso na contemporaneidade nos encaminha para reflexões importantes sobre a pessoa plural ou andrógina, pois, há claras evidências de uma androginização nos fenômenos relacionados à

sexualidade, o que também evidencia o aspecto cíclico da mudança sobre a qual nos referimos, pois, a androginia também está relacionada a um ideal mitológico.

Certamente, ao tratar da androginia nos termos que a colocamos no contexto social e histórico, seguindo as análises de Maffesoli, incorremos no risco de sermos tendenciosos em nossa interpretação e fascínio pelo tema proposto. Mas, deste risco não podemos fugir, pois, seguindo o entendimento de Jung, as diferentes épocas históricas são diferentes modos de constelação arquetípica do sentido, que impõem ao homem distintos modos de fascinação. E, assim, constituímos e somos constituídos pelas questões de todas as ordens do tempo em que vivemos, como foi Jung por seu tempo.

REFERENCIAS

ELIADE, Mircea. **Mefistófoles e o Andrógino**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FAURY, Mára Lucia. Fronteiras do Masculino e do Feminino ou A Androginia como Expressão. **Cadernos Pagu**, nº 5, 1995: pp 164-178. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1785>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

HILLMAN, James. **Anima: anatomia de uma noção personificada**. São Paulo: Cultrix, 1985.

JUNG, Carl Gustav. **O livro vermelho**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2009. _____ . **Obra Completa**. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

MAFFESOLI, Michel. **A Espiral de Maffesoli**. Entrevista publicada no Jornal Valor em 18 de agosto de 2012a. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/514073-a-espiral-de-maffesoli>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

_____. **Homo Eroticus**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

SAMUELS, Andrew. **A Psique Plural: Personalidade, Moralidade e o Pai**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

WHITMONT, C. Edward. **A Busca do Símbolo**: Conceitos Básicos de Psicologia Analítica. São Paulo: Cultrix, 2002.

YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terense. **Manual de Cambridge para Estudos Junguianos**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.